

# TRABALHO DOCENTE, EDUCAÇÃO E MAIS-VALIA

Márcia Regina Mocelin<sup>1</sup>

## RESUMO

Este artigo tem como tema principal a proletarização do trabalho docente e a educação nacional em suas mais variadas formas, enfatizando história, concepção, e processo de humanização (Educação formal e informal, o que é Educação, Educação no século XXI, Educação no Brasil, Educação na Escola, Educação humanizadora e Educação e mais-valia). O objetivo principal deste estudo é perceber a crise que o trabalho docente perpassa nas suas mais diversas formas. A metodologia consiste em uma revisão bibliográfica, e neste sentido, adotaram-se livros principalmente de Marx e Arendt no que diz respeito às questões de exploração, mais-valia e humanização, além de outras obras e artigos de autorias que compartilham o mesmo enfoque teórico. Parece-nos um tanto ingênuo pensar que a Educação seja um processo genuinamente emancipador. Também não nos iludamos quanto a pensar ser a Educação, por excelência, um instrumento ideológico do Estado. Como se pode verificar no corrente histórico das humanidades, a Educação foi utilizada desde os estados “democráticos” aos autoritários como forma de “adestramento” social, porém, verifica-se, da mesma forma que, o resultado dessa educação não se concretiza plenamente. Prova disso, são as diversas formas de resistências surgidas no interior dessas sociedades conduzindo-as a revoluções e a mudanças de regimes, induzidas por suas próprias contradições. O que fez com que os sujeitos dessas sociedades enxergassem essas contradições senão por meio da própria educação? Parece haver uma contradição aqui: educação que emancipa ou educação que massifica, afinal? As duas posições se contradizem e se concretizam no processo educativo, porém, nenhuma delas é por excelência a moldura da educação. Essas duas posições encontram-se no interior do próprio processo educativo que é dialético, em sua própria concepção. E, portanto, não está preso às estruturas estanques e sim à sua própria dinâmica – a

---

<sup>1</sup> Mestre e Doutoranda em Educação do PPGED da Universidade Tuiuti do Paraná - UTP. Especialização em Magistério da Educação Básica - IBPEX. Graduada em Educação Artística com Habilitação em Música - UFPR. Graduanda em Pedagogia - FACINTER. Professora de Artes da rede estadual de ensino do Paraná - SEED. Professora de Música no Centro de Socioeducação Joana Miguel Richa - SEDS. Maestrina da Banda Municipal de Pinhais. Saxofonista, Vocalista e Compositora nas Bandas Cia dos Lobos e Conexão Cidade. Diretora da Cia Teatral Mocelin. Presidente do Conselho Municipal de Cultura de Pinhais. Professora na Pós-Graduação pelo Instituto de Ciência Educação e Tecnologia - ICEET. Tutora do curso de EAD em Pedagogia, pela FACINTER. Orientadora de TCC do Grupo Uninter. mocelinstar@gmail.com.

contradição. Por mais conservadora que seja a educação, ela em si mesma é *alethéia* (do grego = é o que se manifesta aos olhos do corpo e do espírito). Ou seja, se revela no real, por mais dissimulada que ela seja apresentada a seus educandos.

*Palavras-chave:* Educação; Educadores e Mais-Valia.

## **INTRODUÇÃO**

A história da humanidade se constrói por meio da interação entre os recursos de que dispõem os homens e que podem ser reproduzidos, adaptados, reconstruídos. O ser humano, naturalmente biológico, contextualizado no tempo e no espaço, se submete às relações de produção, distribuição e exclusão, justificando assim, o processo socioprodutivo.

O tempo como contexto, serve para pautar as relações humanas e de produção, estabelecendo uma microssociedade, afastada da sociedade oficial, provocada por uma sociedade capitalista, que gera uma relação de dependência, mas não de interação, ou seja, uma divisão de classes.

Recordar é viver; viver é a essência do ser humano, que aprende e se desenvolve. Desenvolvimento este interrompido pelo processo do lucro, onde o dinheiro faz com que o ser humano se utilize de suas capacidades biológicas (cérebro desenvolvido), para que, vivendo em liberdade, possa ser reconhecido como tal.

Portanto, a relação social, estabelecida pela produção da existência humana, adquire dimensões históricas, onde a luta de classes provoca desigualdades sociais; dimensões biológicas, que retratam as relações humanas pela produção; dimensão geográfica, onde aparece uma distribuição geopolítica do terreno, do espaço e da renda. Na visão histórica, as determinações da teoria dos conflitos contemplam produção, distribuição, troca e consumo, e, como consequência desse processo, a exclusão social, em diferentes níveis: econômico, sociopolítico e cultural, onde o ser humano pode ser visto como um ser biológico altamente desenvolvido, possuidor de capacidade de discernimento.

Chega-se, assim, à concepção de relações sociais, que dará suporte as relações de educação. A formação de homens desenvolvidos harmoniosamente, segundo o Centro de Pesquisas Educacionais, só será possibilitado a partir de um plano de educação

## Trabalho docente... *Márcia Regina Mocelin*

democrática, com cuidado metódico e pertinaz dos segmentos da família, escola e da sociedade em conjunto.

A cada época, na marcha da civilização, correspondem processos novos de educação para uma adaptação constante às novas condições da vida social e à satisfação de suas tendências e de suas necessidades. (AZEVEDO, 1959, p. 50)

**Diante de todas as mazelas da sociedade, e frente a todos os problemas da nação, nenhum é de maior importância e gravidade do que o da Educação.**

### **LABOR E MAIS-VALIA DA SALA DE AULA**

Na Idade Clássica até parte da Idade Média, o trabalho era coisa para os servos e escravos. Na Grécia Antiga, havia um desprezo pelo labor e pelas atividades que não eram as da política. O laborar significava ser escravo pela necessidade de sobrevivência.

“A escravidão na Antigüidade não tinha o caráter dos tempos modernos de obter mão-de-obra barata ou a exploração, mas era a tentativa de excluir o labor das condições da vida humana”. (ARENDETT, 2001, p.95). Por isso, consideravam o escravo não humano, mas como um animal. Contudo, há uma inversão desses valores na era moderna, o labor do nosso corpo e o trabalho das nossas mãos, acaba por glorificar o trabalho, colocando-o como a razão das nossas ações.

As tarefas servis perdem sua validade e o trabalho no seu sentido de “produtivo” ganham a era moderna. A sociedade socializada, onde as coisas tornam-se objetos de consumo são resultados da força viva do labor.

A noção da produtividade é destacada nos estudos econômicos como a responsável pelo desenvolvimento humano. Essa produtividade não está nas coisas produzidas, mas na força humana, que não se esgota. Os produtos do trabalho são, dessa forma, vistos como uma parte do mundo das coisas as quais são destinadas ao consumo. Utilizadas ou não, fazem com que o homem se acostume a prescindir delas. Assim, elas se tornam o elo de intercâmbio entre os mesmos.

Karl MARX (1998), ao fazer suas análises sobre a produção, parte da ideia dos economistas que veem a produção como uma apropriação dos produtos da natureza, destinados às necessidades humanas, pelos membros de uma sociedade. Uma vez apropriada (moldada à natureza), ela passa a ser distribuída, determinando a proporção individual dos produtos e abrindo um caminho de trocas que possibilita a obtenção de produtos particulares, conduzindo ao consumo. Marx (op. cit.) ressalta que:

A produção cria os objetos que correspondem às necessidades; a distribuição os reparte de acordo com as leis sociais; a troca reparte de novo o que já está distribuído segundo as necessidades individuais e finalmente, no consumo, o produto desaparece do movimento social, convertendo-se diretamente em objeto e servidor da necessidade individual satisfazendo-a no desfrute (MARX, 1998, p. 30).

Assim, Marx explica que na lógica da economia a produção é o ponto inicial e o consumo seu final, sendo que a distribuição é uma determinação social e a troca é o momento determinado pelo indivíduo, no qual ambas situam-se no meio desse processo. Esse encadeamento, na visão dos economistas clássicos, é determinado por leis naturais gerais.

Marx afirma que "(...) a produção é também imediatamente consumo" (MARX, 1998, p.31), porque no ato da produção há um consumo das forças vitais; encontra-se, também, um consumo dos meios de produção utilizados, como exemplo, a combustão, a matéria-prima. Assim, o ato da produção é, em todos os momentos, um ato de consumo.

Como são complementares, a produção e o consumo se tornam também contrários, mas, segundo Marx, há um movimento mediador entre os dois. "A produção é mediadora do consumo, cujos materiais cria e sem os quais não teria objetivo. Mas o consumo é também mediador da produção ao criar para os produtos o sujeito, para o qual são produtos". (MARX, 1998, p. 32). Ele relata vários exemplos para demonstrar esta ligação: Um vestido se torna efetivamente um vestido quando é usado. Uma casa desocupada não está cumprindo seu papel efetivo, ela se torna um produto somente quando está sendo utilizada – consumida. "(...) o produto não é apenas a produção

## Trabalho docente... *Márcia Regina Mocelin*

enquanto atividade coisificada, mas [também] enquanto objeto para o sujeito em atividade". (MARX, 1998, p.32). Portanto, é o consumo que move internamente a produção, que gera a necessidade de novas produções. A produção cria o objeto na sua forma exterior, ou seja, cunha uma imagem interior, reproduzindo a necessidade.

Da mesma forma, voltando à análise para a produção, Marx destaca que esta gera o consumo e determina o seu caráter. O objeto deve ser consumido de certa maneira, a qual é determinada pela produção. A produção não produz somente objetos de consumo, mas produz também um modo de consumo que é subjetivo, surgindo daí o consumidor.

**Marx completa:**

A produção não é apenas imediatamente consumo, nem o consumo imediatamente produção; igualmente, a produção não é apenas um meio para o consumo, nem o consumo um fim para a produção, no sentido em que cada um dá ao outro seu objeto a produção, o objeto exterior do consumo, o consumo – o objeto idealizado da produção. De fato, cada um não é apenas imediatamente o outro, nem apenas intermediário do outro: cada um, ao realizar-se cria o outro (MARX, 1998, p. 33).

As mercadorias produzidas têm a finalidade de serem consumidas e não somente de serem usadas. Os instrumentos e ferramentas servem aos processos de trabalho, ou seja, ao processo de fabricação e produção dos objetos de uso, diminuindo o esforço e, de certa forma, modificando a maneira como percebemos a necessidade humana. O labor traz consigo a necessidade como algo urgente. Hannah Arendt (2001) aborda o sentido de labor e de trabalho como sendo termos sinônimos, mas que já tiveram significados diferentes. Ao começar pela etimologia, o labor vem do latim *laborare* que tem a conotação de dor, ou o sentido francês *travailer* que vem de *tripalium* que é uma espécie de tortura. Com os instrumentos, as realizações das tarefas são mais rápidas, escondendo dos nossos sentidos o caráter da necessidade. A produção em larga escala acaba falseando essa noção e a abundância os transforma em bens de consumo e não somente de uso.

Em MARX (1998), as sociedades regidas pela produção capitalista enriquecem acumulando capitais. A mercadoria é um objeto externo ao homem que satisfaz suas necessidades, desde as mais indispensáveis até as mais fúteis. Ela é um produto detentor de valor, isto é, cada coisa útil assume os aspectos de qualidade e quantidade. É a utilidade que gera o valor-de-uso e, nas sociedades capitalistas, ela serve de veículo material de valor-de-troca.

Para Marx, quando as matérias primas são trabalhadas pelo homem elas acabam ganhando valores. O processo de trabalho envolve: atividade do homem, objeto de trabalho e meios de trabalho. Assim, é o trabalho que cria o valor. O valor de uma mercadoria é determinado pela quantidade de trabalho socialmente gasto durante sua produção. A cada mercadoria se atribui um valor, uma virtude intrínseca que tem origem nas suas qualidades naturais. Enquanto substância de valor esta é considerada valor-de-uso e a sua grandeza é o valor-de-troca. Como valores-de-uso, as mercadorias são diferentes em qualidades e como valores-de-troca elas só podem ser de quantidades diferentes.

O que estabelece o que é comum entre as mercadorias é o "trabalho". Há o trabalho concreto, que é o esforço físico para a produção; e o trabalho abstrato, que é o esforço humano, coletivo de tarefas. As mercadorias possuem, portanto, valor de troca em função do trabalho abstrato, pois é a força de trabalho de todo o conjunto que determina a sua grandeza.

O trabalho abstrato retira dos objetos o seu caráter de trabalho concreto. A mesa, a casa ou qualquer outra coisa útil perdem suas qualidades materiais e também não são mais encaradas como o produto do marceneiro, ou do pedreiro. Estes produtos passam a representar apenas a força de trabalho humana que se armazenou neles, tornando-se valores de mercadorias (MARX, 1998).

O valor de uma mercadoria é, então, determinado pela quantidade de trabalho gasto durante a sua produção, ou seja, é o tempo de trabalho em média necessário ou socialmente necessário para a produção de uma mercadoria que estabelece o seu valor.

As mercadorias que possuem quantidades de trabalho iguais, que são produzidas no mesmo tempo de trabalho, possuem valores da mesma amplitude. Desta forma, Marx resume que a "substância do valor é o trabalho, e a medida de sua magnitude é o tempo do trabalho" (MARX, 1998, p. 62).

As mercadorias, na realidade, não são apenas “produtos”, são valores. Nesta análise, Marx revela que o valor de uso é inteiramente determinado pelas condições do mercado e o valor de troca não é somente o preço, como parece à primeira vista. Assim, o valor da mercadoria é determinado pela quantidade de tempo de trabalho necessário para produzi-la. Nesta noção de tempo, está incluída o tempo dispensado na fabricação, o trabalho necessário para produzir as máquinas, o tempo para extrair e transportar a matéria prima etc. Como parte do chamado “custo de produção”, tem-se o salário pago pelo tempo de trabalho do trabalhador. Marx aponta então para o fato de que a mercadoria não é uma “coisa”, mas trabalho social concentrado. E em todos esses valores se encontra o tempo de trabalho não remunerado, que é a *mais-valia*. Para Marilena CHAUI (1989), é graças à *mais-valia* que a mercadoria acabou se tornando um valor capitalista, ocultando o fato de que há exploração econômica.

Ao “desconstruir” o que é a mercadoria, Marx (1998) acaba demonstrando a forma real da relação social entre o proprietário dos meios de produção e o trabalhador. A alienação do trabalhador é o fato de que esse não reconhece mais o produto de seu trabalho, pois as formas de produção e os valores não dependem dele, mas daquele que detém os meios de produção. O produto se torna algo distante, dotado de um poder que domina e ameaça. É o “fetiche da mercadoria”. A sociedade capitalista percebe a mercadoria como algo dotado de valor de uso (utilidade) e valor de troca (preço) e não como resultado das relações de produção, o que encobre a verdadeira relação social: o trabalho.

O trabalhador, para Marx (1998), é também visto neste processo como uma “coisa”, pois vende sua força de trabalho em troca de outra “coisa”: o salário. A alienação e o fetichismo retiraram o lado humano das mercadorias e inverteram a realidade, uma vez que o social virou coisa e a coisa virou social. Explicando melhor, as coisas produzidas e as relações entre elas – produção, distribuição, circulação, consumo – se humanizaram e passaram a controlar as relações sociais. Os homens se tornaram um suporte dessas operações, transformando-se, também, em meras “coisas”.

Ainda como característica do processo capitalista do trabalho, Marx destaca a divisão entre trabalho manual e intelectual. Todo trabalho envolve atividades mentais, porém o trabalho considerado

intelectual ganha um status superior ao trabalho manual, pois o primeiro “concebe” enquanto que o segundo “executa”. O trabalhador que se tornou cativo do trabalho manual apenas executa as atividades, organizadas, elaboradas, pensadas pela outra classe de trabalhadores intelectuais.

Esta separação gera várias outras interpretações que infelizmente não podemos ressaltar neste artigo. Com o intuito de demonstrar a exploração do trabalho dos professores, iniciaremos um paralelo explicativo sobre a mais-valia da sala de aula.

Muitos falam que a profissão do professor é um trabalho intelectual, pois onde está o seu produto, ou melhor, sua mercadoria? Visto desta forma, o professor deveria possuir os meios de produção para conceber as formas de ensino, mas o que vemos é uma mera execução de práticas pedagógicas. Ele não pertence nem a classe dominante, mas também não pode ser considerado um trabalhador manual. Possui certa autonomia, pois suas atividades exigem conhecimentos científicos, mas estão subordinados.

Historicamente podemos notar que o “professorado” se submeteu à lógica do capital e foram, gradativamente, afastados da tomada de decisões sobre os conteúdos de suas disciplinas, debates pedagógicos ou ainda a própria estrutura do ensino. Sob o prisma marxista, esta é a proletarização do trabalho docente, afinal eles recebem salário como forma de pagamento.

Como assalariados, podemos traçar um paralelo muito parecido com a classe operária e procurar onde está a mais-valia. O professor ganha um valor determinado chamado de hora/aula. Independente do número de alunos colocados dentro da sala de aula, o valor remunerado da hora trabalhada pelo professor não se altera. Refletindo sobre o ensino privado, onde esta realidade é ainda mais espantosa, nota-se que o profissional da educação é um operário. O chamado da “fábrica” é o sinal que limita o tempo das aulas, a diretoria da escola é o seu patrão, há cartão ponto, certo controle sobre os conteúdos abordados, apostilas prontas, prazos de entrega de notas, avaliações, seu instrumento de trabalho – o guarda pó e o giz. Se o professor recebesse pelo número de alunos que colocam em cada sala de aula, o patrão não teria lucro, não conseguiria a mais-valia.

Além de tudo isto, ainda há um outro lado, como reprodutores do conhecimento, os professores servem aos desejos capitalistas

ensinando as ideologias dominantes, qualificando a mão-de-obra para o mercado de trabalho. E o que dizer da alienação do professor? Quantos destes conseguem se enxergar no produto final – o aluno? Ele não se percebe como agente transformador porque tem reproduzido os mesmos conteúdos, dia após dia, alienando-se. O aluno se torna algo distante dotado de poder que domina e ameaça. Como valor de uso e valor de troca o professorado se tornou “coisa”.

Muitos autores discordam da análise proposta até aqui, justificando que é uma interpretação funcionalista e unilateral. Alegam que o professorado é uma categoria muito diversa, pois apresentam diferentes reações, diferentes formações sendo perigosa uma tipificação como a proposta neste artigo. Talvez o fato de questionarem já os torne trabalhadores intelectuais, todavia não podemos fechar os olhos para a exploração do trabalho desta classe que está mais e mais submetida aos desejos do capital.

“Os produtos do cérebro humano parecem dotados de vida própria, figuras autônomas que mantêm relações entre si e com os seres humanos. É o que ocorre com os produtos da mão humana, no mundo das mercadorias” (MARX, 1998, pág. 94).

Uma dada pedagogia pode engessar uma instituição, mas as práticas pedagógicas conduzidas pelo educador podem gerar sua contradição.

Em tempos atuais, o discurso da globalização que enfatiza a ética, esconde, porém, que a sua é a ética do mercado e não a ética universal do ser humano pela qual a educação deve lutar incessantemente se seu objetivo for genuinamente humano em nossa sociedade. Uma educação que educa para a “cidadania” com fins à plena “democracia”, não explicita os reais motivos daqueles que estão no poder. Afinal, que cidadão se quer ser? Qual sociedade se quer para nós e nossos filhos?

## **EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

Em se tratando de Educação Brasileira, muitas são as interfaces que necessitam ser analisadas para que se fundamente

uma discussão da educação contemporânea de nossa população. Parte-se, portanto, do princípio de que a realidade atual sofre consequências do tempo histórico, permeado por interferências políticas, econômicas e sociais desse percurso. No campo da política educacional, as pautas governamentais têm um peso muito significativo. Suas propostas e ideologias chegam à Instituição Escola com fortes traços de obrigatoriedade de efetivação. Essa relação de transmissão de valores e políticas por parte da Escola se caracteriza pelo fato desta Instituição ser considerada a "formadora" da população. Discutir as políticas educacionais e o papel da Escola como seu agente aplicador é, sem dúvida, compreender a função da Escola na contemporaneidade.

Do passado histórico da educação brasileira até hoje, várias lutas foram travadas por educadores que resistiram e resistem à educação elitista e buscam travar discussões e ações que correspondam aos anseios da população brasileira que há muito almeja ensinamentos democráticos, gratuitos e com qualidade. Percebe-se, até aqui, que o Ensino, a Escola e a Educação Pública no país até então tem servido a uma minoria da população e não contribui para o favorecimento de uma sociedade que corresponda aos ideais de cidadania. Pelo contrário, o ensino brasileiro prima pela divisão do trabalho manual e trabalho intelectual, estabelece assim, a divisão de classes e é definitivamente excludente. Pode-se, portanto, afirmar que o caráter da formação do homem enquanto um transformador da sociedade, em prol da busca da igualdade de direitos e do respeito mútuo, foi relegado a segundo plano. A educação brasileira ao contrário difundiu os ideais economicistas da ordem capitalista.

A Escola tem estado no Brasil, até nossos dias, a serviço de uma camada da sociedade que tenta perpetuar seu poder, e mais, procura definir os meios econômicos da população. Percebe-se claramente que há uma continuidade da Instituição Escola em servir, juntamente com os setores econômicos da sociedade, a uma pequena parcela da sociedade.

O Projeto para a educação, assim, apresenta-se como econômico, porque visa à preparação de mão-de-obra para o trabalho. Este projeto tem sido considerado por teóricos como Pablo Gentili, hegemônico do ponto de vista dos bens de produção e individuais do ponto de vista social e de acessos a tais bens.

**Educadores fazem uma análise da escola e de seus condicionantes que nos levam a questionar ações por parte do Estado nas últimas décadas:**

A história da educação no Brasil tem sido uma história de perdas, de exclusão e de manutenção dos privilégios de minorias. A herança que crianças e os jovens, hoje a maioria da população, recebem dessa história caracteriza-se pela carência, pelo descrédito e ausência de perspectiva, pela perplexidade. (...) a crise da educação atinge níveis intoleráveis. A política de desobrigação do Estado com a educação pública, gratuita, e de qualidade cada vez mais vem excluindo crianças, jovens e adultos da escola e aprofundando as desigualdades sociais. (I CONED, 1997, pág. 7)

**Os teóricos neoliberais afirmam que o capitalismo está em crise, e que isso é passageiro. É preciso, segundo eles, rever a conjuntura e rearticular as relações capitalistas. Pensar novas formas de reorganizar o capitalismo é a única saída e o neoliberalismo assume esse papel.**

Na verdade, para os neoliberais, a educação passa por uma crise de eficiência, eficácia e produtividade. Segundo eles, a expansão tão almejada pelo setor progressista vem ocorrendo de uma forma desordenada. Os estabelecimentos de ensino não apresentam qualidade; sua ação pedagógica e gestão administrativa caracterizam-se pela improdutividade. Os neoliberais afirmam que a escola não vive mais a falta de democratização e, sim, a de uma crise de cunho administrativo. Assim se encontra o setor educacional, administrado por quem não sabe. Os seus administrados são os professores que, por sua vez, representam a ineficácia do Estado. Esta lógica também afirma que recursos financeiros não faltam, o que falta é uma melhor distribuição e uso adequado dos mesmos.

Além de afirmar que o Estado é assistencialista e ineficaz, os neoliberais defendem a retirada do setor público da área administrativa de políticas sociais, este não teria "competência" para tal.

Nesta visão, é preciso reformar. E foi isso que aconteceu com a educação brasileira nas duas últimas décadas. O Estado

controlou e reformou a Constituição Federal de 1988 com a Emenda Constitucional nº. 14, que fundamentou a lei 9424/96 – FUNDEF. Esta lei possibilitou a municipalização do Ensino Fundamental e delegou as prefeituras a mercantilização da educação, quando estabelece o número de aluno x arrecadação. Outro exemplo foi à promulgação da LDB 9394/96 que derrubou de vez a expectativa de se criar um Sistema Nacional de Educação, que teria um caráter unificador de propostas educacionais para a população brasileira, considerando, certamente, os fins sociais do ensino.

## **CONCLUSÃO**

Vale lembrar, que a tarefa de todos em relação à educação diz respeito à luta por: “Educação direito de todos, dever do Estado...” (MEC, 1988). Fazem-se necessárias a garra e a resistência contra uma educação que não vise os direitos e a valorização cultural do povo brasileiro; contra a Instituição Escola que vem trazendo para o seu bojo uma política e um fazer de cunho economicista; contra uma escola e um projeto do Estado que tenta individualizar os problemas que são da ordem macro da política social.

Os (as) profissionais da educação precisam contribuir na implementação da Política Social, contrapondo-se ao econômico nas ações da Escola, tanto do ponto de vista geral, como pedagógico. É mister lembrar que os discursos teóricos há muito se têm mostrado ineficazes. É preciso colocar o conhecimento acumulado, inclusive nas lutas e resistências, em favor da realidade. A prática, a realidade concreta apresenta contradição e esta provoca o enfrentamento, que conseqüentemente promove mudanças.

Mudança significa construção. E é isso que a escola pode promover no seu pedagógico. É através da sua proposta político-pedagógica consciente da realidade e das lutas necessárias que a população brasileira terá acesso ao mundo da crítica, da reflexão, da análise, do enfrentamento tão necessário à superação da ideologia dominante historicamente perpetuada na educação do povo brasileiro. O Estado e a nação brasileira não podem mais deixar de cumprir a tarefa do século XX: *Educação Pública Nacional e Democrática*.

## TEACHING WORK, EDUCATION AND ADDED VALUE

### SUMMARY

This article has as main theme the proletarianization of teaching and national education in its various forms, emphasizing the history, design, and the humanization process (formal and informal education, which is education, education in the twenty-first century, education in Brazil, Education School, education and humane education and surplus value). The main objective of this study is to understand the crisis that pervades the work of teachers in its various forms. The methodology consists of a literature review, and in this sense we adopted the books of Marx and Arendt particularly regarding the issues of exploitation, surplus value and humanization, as well as other books and articles from authors who share the same theoretical approach. It seems somewhat naive to think that education is a truly liberating process. Also make no mistake as to think that education is, par excellence, an ideological instrument of the state. As can be seen in the current history of the humanities, education has been used since the "democratic" state as the authoritative form of "training" social, however, there is, just as the result of this education is not realized fully. Proof of this are the various forms of resistance emerged within these societies leads them to revolutions and regime changes, induced by its own contradictions. What made the subject of these companies see these contradictions only by one's own education? There seems to be a contradiction here: education or education that empowers massification, anyway? The two positions are contradictory and are realized in the educational process, but neither is the frame for excellence in education. These two positions are within the educational process itself is dialectical, in his own design. And, therefore, is not bound by tight structures, but to its own dynamics - a contradiction. For more conservative than is education, it is itself alethéia (Greek = is what manifests itself in the eyes of the body and spirit). That is, unfolds in real, however disguised it to be presented to his students.

*Keywords:* Education; Educators and Surplus Value.

### RESUMÉN

Este artículo tiene el tema como principal de la proletarianización de la enseñanza y la educación nacional en sus diversas formas, haciendo hincapié en la historia, el diseño y el proceso de humanización (educación formal e informal, que es la educación, la educación en el siglo XXI, la educación en Brasil, la educación la escuela, la educación y la educación humana y de la plusvalía). El objetivo principal de este estudio es comprender la crisis que prevalece en el trabajo

de los profesores en sus diversas formas. La metodología consiste en una revisión de la literatura, y en este sentido que hemos adoptado los libros de Marx y Arendt sobre todo en relación con las cuestiones de la explotación de la plusvalía, y la humanización, así como otros libros y artículos de autores que comparten el mismo enfoque teórico. Parece un poco ingenuo pensar que la educación es un proceso verdaderamente liberador. También no hay que equivocarse como para pensar que la educación es, por excelencia, instrumento ideológico del Estado. Como se puede ver en la historia actual de las humanidades, la educación se ha utilizado desde el Estado "democrático" como la forma autorizada de "formación" social, sin embargo, no es, así como el resultado de esta educación no se realiza plenamente. Prueba de ello son las diversas formas de resistencia surgido dentro de estas sociedades les lleva a las revoluciones y los cambios de régimen, inducida por sus propias contradicciones. Lo que hizo que el tema de estas empresas ven estas contradicciones sólo por la educación de uno mismo? Parece haber aquí una contradicción: la educación o la educación que dote a la masificación, de todos modos? Las dos posiciones son contradictorias y se realizan en el proceso educativo, pero tampoco es el marco de la excelencia en la educación. Estas dos posiciones se encuentran dentro del proceso educativo en sí mismo es dialéctico, en su propio diseño. Y, por tanto, no está limitado por estructuras rígidas, sino a su propia dinámica - una contradicción. Para más conservadora que es la educación, es en sí misma Alethia (del griego es lo que se manifiesta en los ojos del cuerpo y el espíritu). ÉS decir, se desarrolla en tiempo real, sin embargo disfrazada que sea presentado a sus alumnos.

**Palabras clave:** Educación; Educadores y la Plusvalía.

## REFERÊNCIAS

ARENDR, H. *A condição humana*. 10ª.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

AZEVEDO, F. *A Educação entre dois mundos*. São Paulo, Melhoramentos, 1959.

CHAUÍ. M. *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

I CONED – Fórum Nacional em Defesa da Escola Pública. *Relatório com as Diretrizes do I Congresso Nacional de Educação*. Belo Horizonte - MG, 1997.

MARX, K. *O Capital*. São Paulo: Nova Cultural, 1998.

MEC. *Constituição* – República Federativa do Brasil – 1988. Brasília: MEC, 1988

**Recebido em: outubro de 2011**

**Publicado em: dezembro de 2011**